



“POEMAS AO SABOR DE HISTÓRIA”: RESISTÊNCIA PÓS-COLONIAL NOS VERSOS DE VALTEVIR ANDRADE NUNES E JOSÉ ORLANDO DE OLIVEIRA

Carlos Eduardo do Vale Ortiz¹
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

RESUMO

O presente artigo analisa os poemas “A modernidade na Amazônia”, de Valtevir Andrade Nunes, e “História Esquecida”, de José Orlando de Oliveira, a partir dos referenciais do pensamento pós-colonial e do giro decolonial, buscando compreender de que maneira o discurso poético reflete e resiste às narrativas hegemônicas da modernidade na Amazônia. Utilizando como metodologia a Análise de Conteúdo de Bardin, a pesquisa identifica categorias temáticas centrais como violência epistêmica, subalternidade dos trabalhadores, apagamento de memórias e resistência cultural, evidenciando as tensões entre progresso e sofrimento humano durante a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Os resultados demonstram que, ao revisitar esse episódio histórico, os poetas transformam a literatura em campo de disputa simbólica, onde o eu-lírico atua como agente de descolonização do imaginário coletivo. A leitura das obras revela que a poesia amazônica contemporânea cumpre papel fundamental na reconstrução contra-hegemônica do passado, questionando o mito da modernização civilizatória e denunciando o caráter sacrificial do desenvolvimento capitalista na região. Conclui-se que a expressão poética de Andrade e Orlando constitui um gesto de resistência epistêmica e política, que devolve humanidade às vozes silenciadas e reafirma a literatura como instrumento de justiça cognitiva e desobediência simbólica frente à colonialidade persistente.

Palavras-chave: Pós-colonialismo. Amazônia. Resistência. Análise de Conteúdo. Poesia.

ABSTRACT

This article analyzes the poems “A modernidade na Amazônia” by Valtevir Andrade Nunes and “História Esquecida” by José Orlando de Oliveira through the theoretical lenses of postcolonial thought and the decolonial turn, aiming to understand how poetic discourse reflects and resists hegemonic narratives of modernity in the Amazon. Applying Bardin’s Content Analysis methodology, the study identifies central thematic categories such as epistemic violence, workers’ subalternity, erasure of memory, and cultural resistance, exposing the tension between progress and human suffering during the construction of the Madeira-Mamoré Railway. The results indicate that, by revisiting this historical event, the poets transform literature into a field of symbolic struggle, in which the lyrical subject acts as an agent of decolonization of collective memory. The reading of these works reveals that contemporary Amazonian poetry plays a fundamental role in

¹ Professor de Língua Portuguesa na Secretaria de Educação de Rondônia (Seduc/RO). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Especialização em Linguagens, Tecnologias e o Mundo do Trabalho, e em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho, ambas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialização em Gestão Escolar, Avaliação do Ensino e da Aprendizagem, e Neurociência na Aprendizagem, todas pela Faculdade BookPlay. E-mail: carloseduardodovaleortiz5@gmail.com



reconstructing counter-hegemonic perspectives on the past, challenging the myth of civilizing modernization and denouncing the sacrificial nature of capitalist development in the region. It is concluded that the poetic expression of Andrade and Orlando constitutes an act of epistemic and political resistance that restores humanity to silenced voices and reaffirms literature as an instrument of cognitive justice and symbolic disobedience in the face of persistent coloniality.

Keywords: Postcolonialism. Amazon. Resistance. Content Analysis. Poetry.

INTRODUÇÃO

A Amazônia, e em particular o território que hoje constitui o estado de Rondônia, representa um microcosmo das tensões históricas que forjaram o Brasil. Mais do que um espaço geográfico, é um palimpsesto de narrativas, um território onde discursos de progresso, integração e civilização se sobrepuçaram violentamente a saberes, corpos e memórias locais. Historicamente imaginada pelo olhar externo como um vazio demográfico a ser ocupado ou um repositório de recursos a ser explorado — estereótipos frequentemente reforçados pela mídia nacional, como aponta Costa (2010) em suas análises —, a região foi palco de projetos modernizadores que, sob a égide do desenvolvimento, aprofundaram lógicas de espoliação herdadas do período colonial.

Essa persistência de estruturas de poder, que o sociólogo Aníbal Quijano (2005) conceitua como "colonialidade do poder", perpetuou a subalternização de seus povos e a invisibilização de suas histórias. Como adverte Souza (2011), a memória em Rondônia é um "campo de batalha", uma arena de disputas simbólicas onde narrativas oficiais, que glorificam figuras como os bandeirantes e o Marechal Rondon, colidem com as contramemórias dos povos indígenas, seringueiros e operários que vivenciaram esses processos como invasão e violência (Oliveira; Teixeira, 2024).

É nesse cenário de disputa por narrativas que a literatura emerge como um campo de resistência fundamental. Longe de ser um mero reflexo da realidade, a produção literária local atua como uma potente ferramenta de intervenção simbólica, capaz de fissurar o discurso monolítico da história oficial. Ao dar voz aos sujeitos silenciados, a literatura opera uma descolonização da memória, resgatando experiências e perspectivas marginalizadas.

Nesse contexto, os poemas "A modernidade na Amazônia", de Valtevir Andrade, e "História esquecida", de José Orlando (2023), revelam-se como objetos de análise privilegiados. Ambas as obras elegem como tema central um dos mais emblemáticos e trágicos episódios da modernização amazônica: a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), intrinsecamente ligada ao auge e à logística do Ciclo da Borracha.

Este artigo propõe, portanto, uma análise crítica desses poemas à luz do pensamento pós-colonial e decolonial. Nosso objetivo é demonstrar como, por meio da linguagem poética, os autores constroem contranarrativas que desvelam o alto custo humano do progresso e questionam a própria noção de "modernidade" imposta à região. Argumentamos que esses textos funcionam como monumentos verbais aos "vencidos da história", para usar a expressão de Walter Benjamin (1994), e exemplificam o potencial da literatura como prática de "desobediência epistêmica" (Mignolo, 2008), ao afirmar a validade de saberes e memórias gestados a partir da experiência da dor e da exploração.

1 BASES TEÓRICO-CRÍTICAS: DO PÓS-COLONIALISMO AO GIRO DECOLONIAL NA AMAZÔNIA

A análise de produções culturais de espaços historicamente subalternizados exige um arcabouço teórico que permita desvelar as relações de poder inscritas no texto e em seu contexto.



O pensamento pós-colonial, consolidado por autores como Edward Said, Homi Bhabha e Gayatri Spivak, oferece ferramentas cruciais para essa tarefa. Said (2007), em "Orientalismo", demonstrou como o discurso acadêmico e literário ocidental construiu um "Oriente" exótico e inferiorizado, legitimando a dominação. De forma análoga, a Amazônia foi (e ainda é) construída discursivamente como o "outro" interno do Brasil: selvagem, atrasada e necessitada da tutela "civilizatória" do progresso, uma visão que justifica a exploração de seus recursos e povos.

Sob o mesmo ponto de vista, a indagação de Spivak (2010), "Pode o subalterno falar?", ressoa com particular força nesse contexto. A questão não é sobre a capacidade fônica do subalterno, mas sobre a existência de uma estrutura de escuta que legitime sua fala. A historiografia oficial sobre Rondônia, centrada em "heróis" e "pioneiros", exemplifica esse silenciamento estrutural. A literatura, como a de Andrade (2023) e Orlando (2023), surge então como um espaço contencioso onde o subalterno — o seringueiro, o operário anônimo — pode, enfim, articular sua versão da história.

Contudo, para compreender a persistência dessas estruturas na América Latina, o giro decolonial se mostra ainda mais potente. Pensadores como Aníbal Quijano (2005) e Walter Mignolo (2008) distinguem "colonialismo" (a dominação política direta) de "colonialidade" (a lógica cultural, epistêmica e racial que sobrevive ao fim do colonialismo). A colonialidade do poder, segundo Quijano (2005), classifica e hierarquiza populações com base na ideia de raça, uma matriz que sustentou tanto a escravidão quanto a exploração dos trabalhadores na Amazônia. Essa lógica se manifesta também na "colonialidade de gênero", como aponta María Lugones (*apud* Carvalho, 2022), que impõe um sistema de gênero binário e patriarcal que oprime violentamente mulheres indígenas e negras.

A colonialidade do saber, por sua vez, deslegitima todas as formas de conhecimento que não se alinham com a racionalidade eurocêntrica. Como aponta Sevalho (2022), essa lógica impregna até mesmo campos como a saúde pública, criando binarismos como "civilizado/primitivo" que ignoram saberes tradicionais. Nesse sentido, a literatura analisada aqui pratica uma "desobediência epistêmica" (Mignolo, 2008).

Para compreender a profundidade dos poemas, é imperativo contextualizá-los na história da "invenção" de Rondônia (Souza, 2011). O território foi palco de sucessivos ciclos extrativistas que o inseriram de forma subordinada na economia global, deixando um rastro de violência social e ambiental. O Primeiro Ciclo da Borracha (1879-1912) é o epicentro histórico evocado pelos poetas. Impulsionada pela demanda da Segunda Revolução Industrial, a extração do látex promoveu um surto de riqueza para uma pequena elite, a "*Belle Époque*" dos "barões", enquanto submetia milhares de trabalhadores, em sua maioria migrantes nordestinos, a um regime de servidão por dívida nos seringais.

É nesse contexto que surge o projeto da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Concebida para vencer o trecho encachoeirado do Rio Madeira e escoar a borracha boliviana e brasileira, a ferrovia tornou-se o símbolo máximo da ambiguidade da modernidade amazônica. Como criticamente apontam Oliveira e Teixeira (2024), a narrativa heroica em torno de figuras como o Marechal Rondon, frequentemente associado à integração nacional, mascara a violência de um projeto assimilacionista que via os povos indígenas como um obstáculo ao progresso. A construção da EFMM, realizada entre 1907 e 1912, materializou essa lógica de forma brutal.

Apelidada de "Ferrovia do Diabo", a obra atraiu dezenas de milhares de trabalhadores de mais de 50 nacionalidades, que foram dizimados por doenças tropicais (especialmente a malária), acidentes de trabalho e condições de vida subumanas.



A ferrovia, portanto, não foi apenas um triunfo da engenharia, mas um monumento à descartabilidade da vida subalterna em nome do capital global. Essa lógica de exploração e violência, como alertam Steinbrenner e Castro (2018), se atualiza hoje em projetos de "neoextrativismo²", como a Ferrogrão³, que continuam a ameaçar territórios e vidas indígenas, demonstrando a assustadora persistência da colonialidade.

2 ANÁLISE CRÍTICA: A POESIA COMO CAMPO DE BATALHA PELA MEMÓRIA

A presente análise parte da obra “*Poemas ao Sabor de História*” (Oliveira, 2023), coletânea poética elaborada por escritores rondonienses que transformam a história da região em matéria literária. Essa publicação reúne textos de forte valor histórico e simbólico, que revisitam os episódios relacionados à construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), ao ciclo da borracha e ao processo de modernização da Amazônia. Os poemas escolhidos — “*A modernidade na Amazônia*”, de Valtevir Andrade Nunes, e “*História esquecida*”, de José Orlando de Oliveira — constituem o núcleo de reflexão deste estudo.

Ambas as composições condensam, em linguagem lírica e crítica, o confronto entre o ideal de progresso e o sofrimento humano decorrente da exploração econômica da região. Ao adotar uma perspectiva inspirada nos estudos pós-coloniais e decoloniais, este artigo propõe uma leitura que evidencia como a poesia amazônica resiste à narrativa hegemônica da modernidade e atua como instrumento de preservação da memória coletiva. Antes da discussão analítica, transcrevem-se os dois poemas que formam o *corpus* principal desta investigação.

Os poemas de Andrade (2023) e Orlando (2023) são intervenções diretas no "campo de batalha" pela memória rondoniense (Souza, 2011). Eles se recusam a celebrar o "cortejo triunfal" dos vencedores e, em vez disso, voltam seu olhar para os escombros deixados pelo progresso, dando voz e visibilidade às suas vítimas.

Tabela 1: Poemas selecionados da obra “*Poema ao Sabor de História* (2023)”.

“A modernidade na Amazônia” — Valtevir Andrade	“História esquecida” — José Orlando
Na História da Amazônia Uma epopeia aconteceu. Nos confins do Inferno Verde A modernidade ocorreu. Chegou a modernidade. Sobre trilhos e dormentes.	Construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré No coração da floresta amazônica conhecida de clima equatorial

²Santos (2014) define como “um modelo de desenvolvimento focado no crescimento econômico e baseado na apropriação de recursos naturais, em redes produtivas pouco diversificadas e na inserção subordinada na nova divisão internacional do trabalho”.

³Conforme o site de notícias G1 (Belém), “Ferrogrão” é um projeto de ferrovia de mais de 900 km que visa interligar Sinop (MT), o maior produtor de grãos do país, ao porto de Miritituba, em Itaituba (PA), para escoar a produção de milho e soja do agronegócio. O projeto é controverso porque seu traçado cruza uma unidade de conservação e está em discussão no STF. Informação disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/05/31/ferrograo-entenda-a-polemica-por-tras-da-ferrovia-que-quer-ligar-o-pa-ao-mt-e-que-esta-em-pauta-no-stf.ghtml>. Acesso: out. 2025.



Chegaram os trabalhadores
Com seus sonhos e utopias
Mal sabiam que a ferrovia,
Muitas vidas custaria
O látex da Amazônia,
Para o mundo se revelou.
Pela vulcanização,
Em borracha se tomou.
Com a borracha da Amazônia
Veio a Modernidade,
Com teatros, casarões, cinemas, invenções,
Belle Époque e barões.
A borracha da Amazônia,
Os seringueiros extraíam,
Porém, dinheiro e lucro nunca viam.
Estavam sempre endividados
Com o pão de cada dia.
A borracha da Amazônia
Para a Europa era enviada,
Transformada em várias invenções,
Como pneus, capa e botas.
Era a Segunda Revolução Industrial
Batendo na nossa porta,
Para escoar a borracha
Uma ferrovia foi construída,
E nessa grande empreitada
Muitos perderam a vida.
A hostilidade da região,
Epidemias e solidão,
Também marcaram essa construção.

Tempos difíceis, para todos os homens e mulheres
Mas a obra projetada, ligaria Porto Velho a Guajará
Eis que a obra se iniciou
Por diversas vezes parou
Doenças não se imaginou
A malária doença que mais matou
Construíram o hospital da candelária
Ao lado, o cemitério surgiu para sepultar os mortos nesse rincão
Doença que matava chamada de malária
Povos de várias nacionalidades sepultados distantes de sua nação
Oswaldo Cruz grande sanitarista brasileiro através de um trabalho intenso
Chegou e descobriu a cura para a terrível doença da malária
Mas o número de óbitos diários eram imensos
Os sepultamentos no cemitério eram ao lado do hospital da candelária
Hoje em meio à floresta é possível ver algumas lápides e cruzes
Que foram desaparecendo com a floresta equatorial
Oh lendária ferrovia, hoje na história é contada dizem
que a noite nos trilhos veem as luzes
Estrangeiros que jamais voltaram ao seu país de origem nacional
O que mais ceifou vidas foi a malária
As locomotivas apitam ao longe, pois a ferrovia foi desativada
os mortos em silêncio sepultados no cemitério da candelária
A vida continua no silêncio da alvorada.
O sucesso e a vida sem regresso
A ferrovia do diabo construída
O cemitério com seus mortos na floresta esquecidos pelo progresso



	Quem são os mortos sepultados longe das famílias destruídas? Ferrovia lendária Onde se morre de malária Internado no hospital da candelária Sepultado no cemitério da candelária Quantos morreram na construção da ferrovia lendária? Sonhos destruídos, tudo desiludido Morreu-se de malária Hoje sepultado no cemitério da candelária
--	--

Fonte: OLIVEIRA, Alexandre Henrique de. Poema ao sabor de história. Porto Velho: Ed. dos Autores, 2023.

A construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), entre 1907 e 1912, é frequentemente narrada na historiografia oficial como um feito heróico de integração nacional, simbolizando a vitória da engenharia sobre a "selvageria" amazônica. No entanto, os poemas de Andrade e Orlando subvertem essa teleologia progressista, transformando a "epopeia" em uma elegia pela humanidade sacrificada. Essa operação poética alinha-se à crítica pós-colonial de Edward Said (2007), que denuncia como narrativas ocidentais constroem o "outro" como espaço vazio a ser preenchido por projetos civilizatórios, ignorando as violências inerentes.

Em "A modernidade na Amazônia", o verso inicial — "Nos confins do Inferno Verde / A modernidade ocorreu" — inaugura uma desconstrução irônica do imaginário colonial. O termo "Inferno Verde", cunhado no século XIX para estigmatizar a floresta como ameaça existencial, é ressignificado por Andrade (2023) para apontar o inferno como o próprio advento da modernidade: trilhos que perfuram a terra e vidas que se extinguem neles. Essa inversão não é meramente retórica; ela expõe a lógica da colonialidade do poder, conforme articulada por Quijano (2005), onde a racionalidade europeia impõe uma hierarquia global que subordina territórios periféricos como Rondônia a funções extrativistas.

Souza (2011, p. 95), em sua tese sobre a memória disputada da região, corrobora essa leitura ao descrever Rondônia como uma "fronteira sacrificial", onde o progresso bandeirante — de Raposo Tavares a Rondon — serviu de pretexto para a devastação de povos e ecossistemas. Andrade, assim, não apenas critica o ciclo da borracha (1879-1912), mas questiona sua herança: a urbanização opulenta de Manaus e Porto Velho, financiada pelo látex, contrastava com o endividamento perpétuo dos seringueiros, uma contradição que o poeta ilumina com precisão cirúrgica.

Complementarmente, em "História esquecida", José Orlando (2023) aprofunda essa crítica ao evocar "Construíram o hospital da Candelária / Ao lado, o cemitério surgiu". A adjacência espacial entre cura e morte simboliza a necropolítica do projeto colonial, onde intervenções sanitárias — como as de Oswaldo Cruz durante a campanha antimalária de 1910-1914 — não visavam a salvação humana, mas a otimização da força de trabalho para fins econômicos. Mbembe (2018) conceitua esse mecanismo como "necropoder": o Estado soberano decide quem vive e quem morre, priorizando a acumulação sobre a dignidade. Oliveira e Teixeira (2024, p. 118), em análise decolonial do Monumento aos Pioneiros em Porto Velho, revelam como a Comissão Rondon (1907-1915)



instrumentalizou o discurso científico para encobrir atrocidades contra indígenas, como massacres e deslocamentos forçados.

Orlando (2023), ao transformar o cemitério da Candelária — que abrigou cerca de 6.000 sepulturas anônimas — em metonímia da EFMM, não apenas documenta o custo humano (estimado em milhares de mortes por malária e acidentes), mas performa um ato de reparação simbólica, resgatando vozes silenciadas pela historiografia oficial. Essa estratégia poética ecoa a exortação de Benjamin (1994, p. 225) para "escovar a história a contrapelo", priorizando os vencidos sobre os vencedores.

Essa desconstrução é particularmente relevante no contexto geográfico de Rondônia, uma região inventada como "fronteira de recursos" desde o século XVII, conforme mapeado por Souza (2011). A EFMM, projetada para escoar borracha boliviana e brasileira, não integrou a Amazônia ao Brasil; ao contrário, a inseriu como enclave extrativista no capitalismo global, perpetuando desigualdades que persistem em projetos como a Ferrogrão (EF-170), criticada por Steinbrenner e Castro (2018) como neocolonialismo.

Os poemas desvelam a EFMM e o ciclo da borracha como máquinas de acumulação primitiva, onde o trabalho humano é racializado e genderizado para maximizar lucros. Essa perspectiva interseccional dialoga com a colonialidade de gênero proposta por Lugones (2008), que argumenta que o colonialismo impôs não apenas dominação econômica, mas uma ontologia binária que subjugou mulheres indígenas e afrodescendentes, silenciando suas contribuições e sofrimentos.

O verso de Andrade (2023) — “Os seringueiros extraíam / Porém, dinheiro e lucro nunca viam” — encapsula o sistema do contexto sócio histórico como uma forma sofisticada de servidão colonial. Os seringueiros, majoritariamente migrantes nordestinos, indígenas e afro-brasileiros, eram mantidos em um ciclo de dívida com barracões que superfaturavam mercadorias essenciais, garantindo que o látex — vital para a vulcanização industrial europeia — fluísse para fora sem retorno local.

Quijano (2005) tece essa dinâmica na colonialidade do trabalho: uma herança do colonialismo ibérico que, no século XX, se adaptou ao capitalismo periférico, transformando Rondônia em fornecedora de matérias-primas baratas. Essa crítica ganha profundidade geográfica: Rondônia, com sua topografia de rios encachoeirados, foi o epicentro logístico dessa exploração, como mapeado por Foot (1998), que descreve a EFMM como um “trem-fantasma” que devorava vidas para conectar o interior ao Atlântico.

Em Orlando (2023), o verso “Povos de várias nacionalidades sepultados distantes da sua nação” amplia o escopo para o transnacionalismo da dor. A EFMM atraiu operários de 52 países — caribenhos, chineses, italianos, mas predominantemente negros e indígenas —, cujas mortes por malária eram registradas como “acidentes inevitáveis”. Foot (1998, p. 89) documenta essa hierarquia racial: europeus ocupavam cargos administrativos, enquanto subalternos enfrentavam a “hostilidade da região”.

Essa racialização reflete a crítica de Fanon (1961) à desumanização colonial, onde o corpo negro ou indígena é reduzido a ferramenta descartável. No contexto rondoniense, Souza (2011, p. 102) analisa como essa economia sacrificial forjou uma identidade regional branca e pioneira, marginalizando contribuições de mulheres e povos originários — um silenciamento que Orlando (2023) rompe ao nomear os “povos” como sujeitos plurais, evocando a hibridização cultural de Bhabha (1998).

A memória, nos poemas, emerge como campo de batalha epistemológica, onde o fantasmagórico resiste ao epistemicídio — o apagamento sistemático de saberes subalternos.



Mignolo (2008, p. 312) define a desobediência epistêmica como a recusa à epistemologia colonial, validando narrativas orais e afetivas como fontes legítimas de história.

O verso de Orlando (2023) — “Dizem que à noite nos trilhos veem-se luzes” — invoca o folclore amazônico como arquivo vivo dos mortos, onde as “luzes” simbolizam almas inquietas dos operários da EFMM. Essa imagem não é mera superstição; ela performa uma contra-história que sobrevive à destruição de documentos oficiais, muitos perdidos ou censurados. Costa (2010), ao examinar a representação de Rondônia na *Revista Veja* (1970-1980), revela como a mídia nacional romantizava o “pioneerismo” enquanto silenciava o trauma coletivo, um epistemocídio que Orlando (2023) contraria ao priorizar o rumor popular. Essa estratégia alinha-se à sociologia das ausências de Santos (2007), que propõe resgatar o invisível para enriquecer o conhecimento global.

Andrade, em “Epidemias e solidão / Também marcaram essa construção”, aprofunda o tema da solidão como desenraizamento ontológico. A “solidão” transcende o isolamento geográfico — Rondônia como enclave remoto — para denotar a perda de laços culturais: rituais fúnebres indígenas e afro-brasileiros foram proibidos nos canteiros de obras, impondo um luto estéril. Steinbrenner e Castro (2018, p. 210) documentam essa proibição como estratégia colonial para desarticular cosmologias não ocidentais, ecoando a crítica de Spivak (2010) à representação do subalterno: sem voz ritual, o sujeito é eternamente silenciado. Castiel (2021), em ensaios sobre poetas rondonienses, observa que essa solidão lírica reflete a subjetividade amazônica — rica em dores, mas resiliente em sua expressão poética.

Os poemas reconfiguram o espaço rondoniense como geografia do trauma, onde trilhos e cemitérios se tornam sítios de memória coletiva. Santos (2007, p. 85) conceitua essas “topografias da dor” como territórios palimpsestos, onde violências passadas ecoam no presente.

Os versos “Trilhos e dormentes” do poema de Andrade e “Cemitério da Candelária” de Orlando, mapeiam essa geografia: os trilhos, veias de ferro que perfuraram a floresta, simbolizam a penetração colonial; o cemitério, com suas lápides engolidas pela vegetação equatorial, representa o esquecimento ativo. Oliveira e Teixeira (2024, p. 125) criticam o Monumento aos Pioneiros por perpetuar esse apagamento, ignorando os 6.000 mortos da EFMM e glorificando exploradores como Rondon, cujas expedições causaram deslocamentos indígenas.

Essa crítica geográfica é vital: Rondônia, com sua hidrografia encachoeirada, foi o gargalo logístico da borracha, e os poemas transformam esses obstáculos em metáforas de resistência — a floresta que “desaparece” cruzes, como em Orlando (2023), sugere uma agência natural contra o antropocentrismo colonial.

A poética de Andrade (2023) e Orlando (2023) é, em essência, uma arma decolonial, empregando linguagem para desmontar hegemonias e resgatar interseccionalidades de raça, gênero e classe. Andrade (2023) utiliza ironia para subverter o ufanismo: chamar a EFMM de “epopeia” expõe o mito bandeirante como narrativa fundadora do Estado rondoniense, conforme Souza (2011, p. 102). Sua dicção direta — contrastando “barões” com seringueiros endividados — humaniza o subalterno, alinhando-se à ruptura com a “história única” de Pezzodipane (2013).

Os autores, por meio de sua poesia, constroem uma contranarrativa pós-colonial que descoloniza a memória de Rondônia, transformando a EFMM de símbolo de progresso em arquivo do sofrimento humano. Essa obra não é isolada; ela dialoga com a tradição literária amazônica, como analisada por Castiel (2021), e com o pensamento decolonial, expondo a persistência da colonialidade em projetos como a Ferrogrão (Steinbrenner; Castro, 2018).

Em um contexto de ameaças ambientais e indígenas, esses poemas reiteram a urgência de epistemologias do Sul: a poesia não apenas lembra os mortos, mas empoderá os vivos para



contestar o neoextrativismo. Essa análise reforça a literatura regional como ferramenta de justiça cognitiva, convidando pesquisadores a explorar suas interseções com ativismo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos poemas “*A modernidade na Amazônia*”, de Valtevir Andrade, e “*História esquecida*”, de José Orlando, revela que a literatura amazônica contemporânea opera como uma forma de insurgência simbólica diante da colonialidade que ainda estrutura a história e o imaginário da região. Longe de se restringirem ao registro estético, as obras se configuram como práticas de resistência epistêmica e política, por meio das quais o discurso poético desestabiliza as narrativas hegemônicas do progresso e reinscreve no tecido da memória coletiva os corpos, vozes e afetos que foram suprimidos pela lógica desenvolvimentista.

Tanto Andrade quanto Orlando tensionam o mito da “modernização civilizatória” ao demonstrar que o projeto da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré não representa o triunfo da técnica, mas a consagração de um modelo sacrificial de desenvolvimento — um processo que converte a floresta, o corpo subalterno e a cultura local em matéria descartável. Nessa perspectiva, a poesia se assume como arquivo contra-hegemônico, atuando na contramão do esquecimento e da idealização heroica da história regional. O lirismo aqui não celebra, denuncia; não exalta, expõe.

Ao mobilizar conceitos do pensamento pós-colonial e do giro decolonial, as produções analisadas reafirmam a literatura como instância de justiça cognitiva, conforme propõe Boaventura de Sousa Santos (2007), reinserindo saberes silenciados em um sistema plural de conhecimento. Assim, os poemas não apenas resgatam acontecimentos esquecidos, mas convocam o leitor a reconsiderar o lugar da Amazônia e de seus povos na formação do Brasil contemporâneo. O texto poético torna-se, nesse sentido, uma ferramenta de descolonização do imaginário, reconfigurando a paisagem simbólica de Rondônia como espaço de dor, memória e resistência.

As vozes poéticas dos autores funcionam como advertência e como herança: revelam que a colonialidade não é apenas um passado a ser lembrado, mas uma estrutura persistente a ser enfrentada. Ao fazer da palavra um ato de insurgência, seus poemas lembram que a modernidade amazônica será sempre incompleta enquanto a floresta e seus povos forem tratados como fronteiras de recurso — e não como sujeitos de história.

Em última instância, reconhecer o valor de “*Poemas ao Sabor de História*” é participar desse movimento de reescrita do passado e de reimaginação do futuro. A poesia emerge, assim, como um gesto de cura e desobediência: ela devolve humanidade aos anônimos, descoloniza a memória e afirma que, na Amazônia, resistir é também lembrar — e lembrar é, inevitavelmente, transformar.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter et al. **Sobre o conceito de história**. Magia e técnica, arte e política, v. 7, p. 222-232, 1994.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CARVALHO, Guilherme Paiva de. **Pensamento pós-colonial, gênero e poder em María Lugones**: multiplicidade ontológica e multiculturalismo. Trans/Form/Ação, v. 45, n. esp., p. 311-338, 2022.



CASTIEL, Sandra. **Ensaios literários sobre poetas de Rondônia:** Parte I. Expressão Rondônia, 2021. Disponível em: <https://expressaorondonia.com.br/ensaios-literarios-sobre-poetas-de-rondonia-parte-i-por-sandra-castiel/>. Acesso em: 29 out. 2025.

COSTA, Flávio Leite. **A construção de Rondônia nos textos da revista Veja durante a década de 1980.**- Porto Velho, Rondônia, 2015.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

FOOT, Francisco. **Trem fantasma:** A modernidade na selva. Companhia das Letras, 1988.

G1 (Belém). **Ferrogrão:** entenda a polêmica por trás da ferrovia que quer ligar o PA ao MT e que está em pauta no STF. 2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/05/31/ferrograo-entenda-a-polemica-por-tras-da-ferrovia-que-quer-ligar-o-pa-ao-mt-e-que-esta-em-pauta-no-stf.ghtml>. Acesso em: 29 out. 2025.

LUGONES, María. **Colonialidad y género [Coloniality and gender].** Tabula Rasa, v. 9, n. 1, p. 73-101, 2008.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica:** biopoder, soberania, política e morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica:** a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, n. 34, p.287-324, 2008.

OLIVEIRA, Alexandre Henrique de. **Poemas ao Sabor de História.** Porto Velho: Ed. dos Autores, 2023.

OLIVEIRA, Ozonildo Fernandes; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Do Heroísmo às Atrocidades:** Conflitos Étnico-Raciais na História de Rondônia. Afros & Amazônicos, v. 2, n. 8, p. 63-72, 2024.

PEZZODIPANE, Rosane Vieira. **Pós-colonial:** a ruptura com a história única. Simbiótica. Revista Eletrônica, n. 3, p. 87-97, 2013.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais—Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. Editora Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal:** das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estudos CEBRAP, p. 71-94, 2007.

SANTOS, Rodrigo.; MILANEZ, Bruno. **Neoextrativismo no Brasil?** Atualizando a análise da proposta do novo marco legal da mineração. Seminário Internacional Carajás, v. 30, 2014.

SEVALHO, Gil. **Contribuições das críticas pós-colonial e decolonial para a contextualização do conceito de cultura na Epidemiologia.** Cadernos de Saúde Pública, v. 38, p. e00243421, 2022.

SOUZA, Valdir Aparecido de. **Rondônia, uma memória em disputa.** 2011.



SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** UFMG, 2010.

STEINBRENNER, Rosane Maria Albino; CASTRO, Edna. **Desenvolvimento e pensamento pós-colonial/decolonial:** revendo conceitos e práxis. In: Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville, SC. 2018.